

1/10/2018

## E se a Mobilidade passasse a ser em Portugal um tema estratégico?

*“água mole em pedra dura, tanto dá até que fura”, ou...*

*“quem vê caras não vê corações”*

*Ditados populares*

Muito se tem falado de mobilidade e transportes públicos em Portugal nos últimos tempos.

Na Assembleia da República estes temas têm estado na ordem do dia, muito “à boleia”, é certo, do tema Carris e a sua passagem para a gestão municipal, mas também, é justo dizer, pelo empenhamento de alguns Grupos Parlamentares em trazer à discussão temas importantes, relacionados sobretudo com os tarifários sociais e incentivos à utilização dos transportes públicos.

Na recente edição do Web Summit que decorreu em Lisboa, no início do mês de novembro, o tema foi profusamente tratado. Bem sei que o foi ao nível naturalmente mais tecnológico, designadamente a propósito dos veículos autónomos, mas foi falado. E teve impacto público.

E na última campanha eleitoral autárquica o tema da mobilidade foi central na maioria dos municípios, designadamente em Lisboa. Nunca se tinha falado tanto de transportes numa campanha eleitoral no Portugal democrático. Afinal o que mudou?

O que aconteceu no nosso país para que tal tivesse acontecido?

Tenho para mim que as alterações legislativas entretanto operadas – a aprovação da Lei 52/2015 e a conseqüente revogação do RTA – porque disruptivas e estruturais, tiveram um papel central na mudança de paradigma e na introdução de uma nova abordagem desta temática por parte dos agentes económicos e das instituições ligadas ao setor. Estamos a falar das novas autoridades de transporte, que, como se sabe, passaram a ser as estruturas municipais, intermunicipais e metropolitanas, que o mesmo é dizer, do poder local autárquico.

Esta dinâmica acabou por criar, estou convencido, uma maior consciencialização dos políticos portugueses da importância e criticidade da mobilidade para a vida dos cidadãos.

A questão que importa responder é se o tema é apenas muito falado, numa lógica de tema do momento ou da moda, ou se podemos entender esta maior exposição pública da temática como um salto qualitativo na forma de pensar e trabalhar a mobilidade, passando a ser um tema estratégico para o nosso país.

Penso que estão a ser criadas as condições para que a médio-longo prazo possamos começar a inscrever a mobilidade e os transportes na agenda estratégica do país.

O processo será naturalmente lento e progressivo. E se assim for, já nos poderemos dar como satisfeitos e felizes.

Até lá teremos de continuar a fazer pedagogia e a destruir mitos: o mito de que os problemas de transportes só existem nos grandes centros urbanos; o mito de que todos os problemas da mobilidade pendular nas áreas metropolitanas só têm solução com o alargamento das redes metro ou ferroviárias; o mito de que a articulação entre modos de transporte e a integração tarifária se fazem “por decreto”; o mito que considera que o problema da velocidade comercial e da fiabilidade do serviço de transporte rodoviário é um problema de gestão dos operadores de transporte e da sua responsabilidade exclusiva; o mito de que o preço do transporte não é uma questão relevante para um sustentável incremento da procura; o mito de que só teremos um sistema de transporte público eficaz, suscetível de operar uma alteração de hábitos na utilização do transporte, se for capaz de resolver na perfeição o problema da mobilidade de todos os utilizadores...  
Enfim, um longo caminho a percorrer.

A boa notícia para os portugueses seria a de que a fase que estamos a viver representa já o início da caminhada do tal longo caminho que temos pela frente.

A ver vamos.

*por Luís Cabaço Martins*

**Por:**

**Fonte:**